

## De Poemas e de Poesia: Maiara Gouveia

por Adriano Lobão Aragão, Sebastião Edson Macedo e Wanderson Lima  
In: Revista *dEsEnrEdoS* [[aqui](#)]

**dEsEnrEdoS** - Considerando a dimensão do país, os problemas de acesso às obras e a dificuldade de se mapear amplamente os autores que estão escrevendo neste momento, como você encara a denominação "poesia brasileira"? Existe tal coisa que acaso unifique a poesia inscrita nos limites políticos desse país além da própria denominação catalográfica?

**Maiara Gouveia** - Mesmo se eu desconsiderasse a dimensão do país, os problemas de acesso às obras e a dificuldade de mapear amplamente a produção dos autores nascidos aqui, diria que a denominação "poesia brasileira" apenas supõe reunir a poesia inscrita nos limites políticos desse espaço (histórico e geográfico). Mas, em razão de limites políticos que vão muito além da delimitação de fronteiras, essa denominação, muitas vezes, não se apresenta como simples índice catalográfico ou do território de origem de quem a escreve. Para fins didáticos (e, portanto, ideológicos) ainda se discute uma suposta brasilidade – que teria se misturado às influências europeias e se radicalizado na década de 1920, deixando a necessidade de portar uma dessas vozes talvez emblemáticas e levar adiante o projeto de uma literatura nacional. A ideia de nacionalidade que se tem em larga escala ainda é uma forma de afirmação do que seria nacional a priori, do que seria constitutivamente nacional. Suponhamos, no entanto, que a existência de qualquer país, como a existência de qualquer unidade relativa, exija uma coleção de territórios arbitrariamente reunidos em função de um poder – também, ou, sobretudo – ideológico. Principalmente no caso de países mais novos, "menos tradicionais". Partindo dessa hipótese, encaro a denominação "poesia brasileira" da mesma forma que encaro a delimitação de fronteiras de um território: historicamente, mostrou-se como resultado de violência; expatriação de outros habitantes do local etc. – tudo submetido a interesses políticos específicos em relação grupos situados no poder, em determinada época. Tornou-se, ainda assim, o modo mais eficaz de organização do espaço, o estabelecido. E mais não falo (pois precisaria escrever um ensaio, defender uma tese, desmistificar o inventário). Em suma: somente aquilo que serve a uma ordem determinada a priori pode ser unificado, e isso exige a supressão de tudo o que é singular e, portanto, mais caro à poesia. Esta, quando é poesia de fato, fica sempre fora dos quadros oficiais – ou por inteiro, ou porque transborda.

**dEsEnrEdoS** - Já se tornou corriqueiro para o brasileiro assumir nossos profundos e perpetuados problemas de ordem varia na esfera macropolítica, social, bioeconômica, midiática, e outras, mas sempre pareceu escapar desse conjunto problemático não só a produção artística quanto à inteligência crítica que a legitima. Até que ponto o que chamamos nosso legado artístico-cultural também faz parte de um complexo sistema de dominação neocolonial senão mesmo o duplicando na esfera da representação simbólica? O que você pensa sobre essa hipótese?

**Maiara Gouveia** - Penso que é exatamente isto: nosso legado artístico-cultural

também faz parte de um complexo sistema de dominação e, na maior parte das vezes, o duplica na esfera de representação simbólica. Não há o que retocar. Deixo em suspenso o “neocolonial”, que embute discussões mais espinhosas nessa questão. O limite dessa reprodução desenfreada de modelos equivocados é a reflexão sobre a própria educação que a legitima. Costumo dizer que a educação formal, quase sempre, não passa de adestramento. É o que incute na mentalidade, desde cedo, os valores de uma época, de forma quase invisível, oferecendo esses valores como verdade. A educação – em vez de estimular o pensamento – o enquadra. Em nosso caso, como resultado de um progresso que teria culminado em determinada ordem, melhor do que a anterior. Dividimos a literatura, por exemplo, em seções muito bem definidas, relativas à época e a princípios formais que fariam parte dessa ou daquela escola estética. E, obviamente, paira no ar a ideia de que a escola mais recente supera a anterior, resolve seus problemas. O ideal de artista que enxerga problemas nunca antes observados e rompe os laços com o establishment, é, sem dúvida, um estereótipo que provoca menos desconfiança do que deveria, e torna tudo mais tragicômico. A mentalidade de nossa época dá continuidade àquilo que se pregava no século XVIII: as luzes da razão, o positivismo (e tudo o que vem com ele), o conhecimento enciclopédico etc. Poucos assumem que o método; a elitização do racional (em oposição à valorização de um comportamento mais conduzido pelas emoções – considerado popular, obtuso); a vinculação do intelectual às academias etc. fazem parte de uma construção embasada em interesses específicos de certos grupos, obviamente atrelados ao poder. Outros o assumem de forma tímida, cheios de panos quentes. Existe, ainda, quem se apegue ao extremo oposto, numa espécie de afirmação pela ênfase do contrário. Refletir não significa negar radicalmente, sem pesos ou medidas. Refletir é considerar, questionar, matizar. Refletir sobre “nosso legado artístico-cultural” é mergulhar nesse universo, saber de que modo se transforma, dentro de quais estruturas. Deixei em suspenso o “neocolonial” não porque ele não seja verdadeiro. É porque ele direciona o olhar para determinado aspecto, subordinado àquele que me parece principal: em qualquer tempo, em qualquer sociedade, existem sistemas de dominação ideológica, que têm a ver com a necessidade de conservar determinadas funções, manter o estado de coisas num nível controlável.

**dEsEnrEdoS** - O livro impresso continua sendo o veículo fundamental da poesia?

**Maiara Gouveia** - Na verdade, o livro impresso nunca foi o veículo fundamental da poesia. Foi (e ainda é) um veículo de extrema importância para compilar determinada produção, para levar a poesia aos redutos da educação formal, a grupos maiores etc. Por outro lado, também se tornou um fetiche de erudição, de dominação intelectual. É ótimo ter a possibilidade de reunir em estantes exemplares do que há de melhor no conhecimento (seja da arte poética, da filosofia, da medicina ou da botânica). Melhor do que isso é reconhecer a experiência que precede a compilação (sempre direcionada por motivos políticos) e buscá-la em toda parte. Mas, voltando à pergunta, o livro impresso é bem posterior ao surgimento da poesia. A poesia nunca dependeu e nunca dependerá dele para existir. Da mesma forma que a música não depende dos discos de vinil, das fitas K7 e dos CDs. Os suportes são apenas isto: suportes.

Sem dúvida, a forma de reprodução de determinada arte influencia o modo como ela se apresenta (e o contrário também é verdadeiro: o modo como a arte se apresenta contamina a forma de reproduzi-la), mas o que fica, no fim das contas, é o que será transportado pelos meios disponíveis.

**dEsEnrEdoS** - Atualmente, o poeta deve necessariamente ser um teórico, um crítico de poesia? E até que ponto a preocupação teórica influencia sua produção literária?

**Maiara Gouveia** - Vou desconstruir a pergunta, primeiro: existe tanta relação entre poesia e teoria quanto entre peixes e gatos. Gatos engolem peixes, se os peixes estiverem fora d' água. Os peixes surgiram muito antes, quando nem existia a probabilidade de haver gatos. Isso, é claro, pensando em teoria literária, em crítica de poesia. Porque existem outros tipos de teoria, por exemplo, a filosófica, que tem tanta relação com a poesia como a letra c e a matilha de cães do mato. Quero dizer, não existe relação necessária entre a poesia e absolutamente nada. A relação é posterior, tem a ver com o repertório e a necessidade de cada poeta. Se os críticos de poesia fossem também poetas (e não o contrário), haveria menos imposições extraliterárias misturadas à produção artística. Um poeta pode ser teórico ou crítico de poesia, e talvez seja dos bons, mas também pode ser ator ou diplomata ou jornalista ou herdeiro de uma empresa milionária (o que é raro). A preocupação teórica não influencia minha produção literária. Na verdade, a teoria, pra mim, ocupa um espaço muitíssimo reduzido em relação à leitura das próprias obras das quais ela extrai (ou não) vitalidade. Mas falando em outro tipo de teoria, a teoria filosófica ou de outras ciências humanas, como a etnologia, creio que é muitíssimo importante para o poeta, pois faz com que veja o próprio pensamento em perspectiva e questione a escolha de formas e temas etc., além de ser leitura prazerosa quando o autor assume a escrita propriamente dita como algo que vale a pena ser enfrentado.

**dEsEnrEdoS** - O fato de a poesia ser pouca lida (em comparação com gêneros como o conto e romance) é um fator positivo ou negativo à criação poética?

**Maiara Gouveia** - O fato de a poesia ser pouco lida (em comparação com gêneros como o conto o romance) tem a ver com a própria forma – menos apta a se transformar em simples entretenimento. A poesia exige uma entrega do leitor – mas não é uma entrega capaz de preencher uma hora entre o trabalho e a consulta com o dentista. A poesia modifica a relação com o tempo. Em um verso, se concentra enorme quantidade de relações, de experiências. Por isso, a poesia não é capaz de entreter, simplesmente. “E os maus versos?”, podem perguntar. Também são ineficazes quando se trata de servir à distração, pois, seja como for, a poesia é sempre uma linguagem condensada, que não se presta a preencher uma sequência temporal linear, mesmo quando é ruim. Em relação à criação poética, nenhum fator é positivo ou negativo. O juízo de valor deve ser aplicado a cada caso, nunca a priori. A música, por exemplo, tem um enorme potencial de entretenimento, e há artistas que usam essa característica para introduzir, em larga escala, elementos estéticos capazes de matizar formas muito cristalizadas e muito ligadas a valores culturais difíceis de trazer à tona, para que possam ser submetidos à reflexão. A poesia, sendo underground, teria, supostamente, uma independência maior em relação aos paradigmas culturais

de uma época ou lugar. No entanto, costuma acontecer com ela o que acontece com partidos menores, em eleições: para ter alguma inserção fora dos próprios limites, isto é, angariar eleitores que não estejam em seu pequeno raio de influência, exotéricos, alia-se a partidos maiores, que possam sustentar a reprodução e distribuição de seus panfletos. Resumo da ópera: a exposição mais discreta da poesia será fator positivo ou negativo de acordo a habilidade e as intenções de cada poeta.